

Neste livro o autor volta a contribuir para o desenvolvimento do conceito de imaginação material, nele há dois níveis de imaginação, uma formal, que é despoletada e se pode reconhecer nas formas da aparência, portanto, mais próxima da tarefa da reprodução e outra que é a imaginação material, em que já não estamos no campo da percepção, mas num campo mais amplo da cinestesia, da memória ou do devaneio que ausculta a profundidade cega das substâncias. Neste contexto um poema, uma pintura ou um desenho seguem o ritmo de todas as variações possíveis da água.

Desde tenra infância a água está presente na nossa forma de imaginar, todos nós nos lembramos de passar horas a brincar num ribeiro, na praia ou num simples recipiente com água em casa. Pensar por imagens a partir da água foi o que fez Gaston Bachelard no seu livro intitulado “A Água e os Sonhos” datado de 1942. Neste livro o autor volta a contribuir para o desenvolvimento do conceito de imaginação material, nele há dois níveis de imaginação, uma formal, que é despoletada e se pode reconhecer nas formas da aparência, portanto, mais próxima da tarefa da reprodução e outra que é a imaginação material, em que já não estamos no campo da percepção, mas num campo mais amplo da cinestesia, da memória ou do devaneio que ausculta a profundidade cega das substâncias. Neste contexto um poema, uma pintura ou um desenho seguem o ritmo de todas as variações possíveis da água.

A exposição que agora se apresenta no Centro de Ciência Viva do Alviela e nos Serviços Centrais do Politécnico de Leiria oscila entre a imaginação formal da água e a material. Nos desenhos de Narciso Correia apercebemo-nos que a forma da água não é uma consequência das forças previsíveis e unitárias, mas da agregação de várias forças, convergentes e divergentes, de várias luzes e acontecimentos. A singularidade da sua proposta reside na ideia de densidade dada pela lentidão na execução.

Maria Gomes de Castro ensaia a possibilidade de cristalização de sucessivos movimentos da água, fios líquidos. Como não lembrar a este propósito das raízes que conduzem a seiva às partes aéreas da planta.

Nos desenhos de Gonçalo Caetano é a água violenta que acontece, água que trepa, que cai bruscamente, água que se afirma e se empoleira.

Na grande tela de Rafaela Ferreira apresenta-se uma ideia de queda ou cascata que é gémea do corpo.

Bruna Pilar nos seus desenhos mostra-nos uma água signica, a água aqui é escrita pré-verbal, uma escrita do corpo no balanço dos braços, do olhar e do cérebro.

Alice Nicolau mostra-nos uma água de múltiplas gotas, tão densa quanto literal.

Sebastião Casanova relacionada a água com o feminino, não o faz a partir da imagética soturna de “Ofélia” em Hamlet de W. Shakespeare, mas a partir de uma imagética diurna, solar, lúdica até pop, em que a água se mostra como espaço de ócio e divertimento.

Na exposição mostram-se também trabalhos de vídeo de Carolina Parrinha, Jéssica Gaspar e David Ventura. As primeiras recorrem à manipulação de imagens captadas, já David Ventura recorre a algoritmos para produzir imagens com um grau de imprevisibilidade grande.

Carolina Parrinha lembra-nos no seu vídeo, que a água foi o primeiro espelho, e a primeira reflexão para o rosto e para a paisagem. Jéssica Gaspar manipula em estúdio uma massa de gelo, que suspensa se assemelha a um planeta em chamas e a derreter, impossível a este propósito deixar de pensar por imagens no aquecimento global. David Ventura parte de uma fotografia de uma gota de água para realizar dois exercícios de programação opostos, o de agregação em Water e o de desagregação em Rheta.

Aquela experiência fundadora que nos faz tomar a decisão de ser artistas ou cientistas, radica muitas vezes numa memória que se agarra ao corpo e que nunca mais o larga. É impossível ignorar que a nascente do Alviela é sonhada dentro da montanha cársica, desse sonho já dependeram muitas vidas quotidianas em Lisboa, toda a paisagem da sua bacia hidrográfica. Hoje o Centro de Ciência Viva do Alviela faz justiça a esse saber aguçando cada um que o visita, para a observação e a experimentação atenta.

**Samuel Rama**

## ARTISTAS

David Ventura | Jéssica Gaspar | Carolina Parrinha  
 Sebastião Casanova | Alice Nicolau | Bruna Pilar  
 Gonçalo Caetano | Maria Madalena Gomes de Castro  
 Narciso Correia | Rafaela Francisco Ferreira  
 Sara Graça | Sofia Faria

# CINTILAÇÕES E REFLEXOS



## EXPOSIÇÃO COLETIVA DESENHO E VÍDEO



## ÁGUAS VIVAS: DIÁLOGO

Nos modos como a água estabelece as suas complexas articulações com o mundo natural que integra, conseguimos reconhecer muitas das questões que caracterizam o desenho, na sua relação com a produção artística. Não é tanto uma coincidência ocasional ou uma metáfora, mas uma rede de correspondências na qual as problemáticas coincidem com tanta frequência que se diria que podemos usar o mesmo mapa para dois terrenos tão radicalmente diferentes. Ambos os casos, a água e o desenho, são entidades com fronteiras e identidades complicadas, não sendo possível defini-las apenas pelos seus contornos. É a sua potência seminal, a sua transversalidade estrutural que realmente as distingue.

Diz-nos a ciência que a primeira estranheza da água reside no facto de ela possuir uma estabilidade, líquida, à temperatura ambiente. Quimicamente, esta sua característica constitui uma extrema singularidade, e é ela que permite a possibilidade da vida, tal como a conhecemos. Universalmente reconhecida, a água, pode dizer-se, constitui uma forma de materialidade fluida por excelência, tendo sido, até há dois séculos atrás, considerada um elemento uno e indivisível. Tudo o que é vivo, tudo o que vibra e é responsivo, contém água. Todavia, a água é também o elemento mais divisivo. Para além das diferenças que estão na origem da diversidade das formas de vida, para nós, humanos, ela constitui hoje uma clivagem central. Uma em quatro pessoas (cerca de 2 biliões de humanos, ao todo) não tem acesso a água potável. E neste quarteto há uma segunda pessoa que não tem acesso, na sua habitação, a água corrente. Torna-se, portanto, evidente que água não significa o mesmo para todas elas. As fraturas, contudo, aprofundam-se. Para muitos, a sede, ou o desconhecimento da experiência da sede, é um dos efeitos mais perversos das sociedades consumistas contemporâneas. Há hoje, em muitos locais, gerações que nunca beberam água, mas apenas os seus derivados comerciais processados, fermentados, açucarados ou gasosos, com os efeitos desastrosos, a montante e a jusante, que bem conhecemos.

E da relação entre a água e o desenho?

P: Diz a expressão: “Trata do conteúdo que a forma tratará de si.” Muito a propósito, no caso da água enquanto conteúdo, a sua forma resulta sempre do contentor que a transporta. Da garrafa ao leito de um ribeiro, do jorro que sai da torneira à piscina onde mergulhamos, a forma parece estar integralmente do lado do contentor. Ela vem sempre, dir-se-ia, dos lados do mundo. Nesse sentido, desenhar a água é sempre desenhar aquilo que a (en)forma — e a informa.

R: Também para o desenho.

P: Molecularmente, a água é caracterizada pela capacidade excepcional de se conectar com quase tudo. É isto que a torna tão fundamental no universo bioquímico que configura a vida. Sabemo-lo, empiricamente, quando misturamos uma bebida ou a usamos para diluir ou dissolver algo. E, no entanto, a água é, ao mesmo tempo, uma estrutura surpreendentemente estável e autónoma. A tensão superficial que nela se manifesta, nos bordos de um copo ou no líquido derramado sobre a mesa, parecem contradizer aquela facilidade que tem para diluir e misturar.

R: A extrema interação com as outras formas de expressão plástica (pintura, escultura, filme, fotografia, etc.) e a resistência em perder a sua rudimentar e eficaz identidade são, como com a água, o paradoxo mesmo do desenho.

P: Dada a sua estrutura molecular, o estado natural da água consiste na pequena esfera, perfeita, a pequena gotícula. Aparentemente, se a libertássemos de constrangimentos e condições externas, seria assim que ela se manifestava no mundo: uma infinidade de minúsculas gotas independentes.

R: Como será o desenho, se não estiver sujeito aos constrangimentos e agendas de outras práticas e técnicas artísticas? Se quisermos capturá-lo no seu “estado natural”?

P: As moléculas da água contêm surpreendentes níveis de energia. E, contudo, se esta energia está associada às imagens das grandes cascatas, ondas gigantescas, dilúvios e tsunamis, imagens que nos lembram a força... a verdade é que a placidez de um lago, a regularidade serena de um grande rio, ou a imobilidade suspensa de um glaciar convocam imagens que estão nos antípodas daquelas.

R: O desenho contém também, na sua energia háptica e mimética, a possibilidade de cobrir todo este espectro, de forma imediata e económica.

P: A mobilidade que caracteriza a água não é só o movimento que a transporta, mas o próprio modo como, ao percorrer essas linhas, é, também ela, percorrida por tudo aquilo que a envolve e que com ela interage.

R: Tal como no desenho (e qual o desenho que melhor manifesta a temperatura ambiente?)

P: Quando tocamos algo, é sempre através da água que tocamos. Por outras palavras, é a água que cobre a superfície da parte do nosso corpo que toca, que está realmente a estabelecer o contacto com aquilo que tocamos. Ou, mais exatamente, com a superfície de água que cobre isso que tocamos (só em condições laboratoriais muito especiais não é assim).

R: Também na construção das formas, quaisquer formas, é através do desenho, enquanto potência processual, que lá se chega.

P: Por baixo do alcatrão e do cimento as raízes das árvores citadinas percorrem centenas de metros até encontrarem uma eventual rutura numa manilha da rede de abastecimento de água. Linhas subterrâneas, compridas e complicadas, mas não mais nem menos que os outros desenhos que configuram os corpos ou as paisagens. A configuração de uma paisagem natural é, aliás, fixada pelos cursos da água que a compõem. Não apenas os rios e os lagos, as nuvens e a chuva, mas a acumulação do solo sobre o

manto rochoso, a posição das florestas e bosques, a aglomeração das zonas verdes e, conseqüentemente, de tudo o que disso decorre: os animais, os humanos e as cidades.

R: Quais podem ser os desenhos da água? Uma arqueologia diagramática, quase infantil, em quadro didático. Mas também a genealogia do desenho do mundo.

P: A prova que a água se tornou invisível, é bem evidente na desatenção a que a condenamos. Que sabemos nós das águas que bebemos, das subtis variações que as distinguem — comparativamente com todo o saber que acumulámos sobre o vinho, a cerveja, os refrigerantes, os sumos de fruta processados, etc.?

R: E que sabemos nós do desenho, numa época que produz, a cada nova década, mais imagens desenhadas que todas aquelas que tinham sido produzidas antes?

P: A água, tal como a sua imagem, só se manifesta quando quase desaparece.

B: O desenho também.

Quando arrefecemos a água, o seu volume contrai e isso parece-nos natural. Contudo, se a temperatura continuar a descer e a água congelar, o volume, surpreendentemente, aumenta e a água dilata. É por isso que congelar uma garrafa de vidro cheia de água resulta na quebra do molde. E isso já não nos parece normal. Do mesmo modo, o ininterrupto movimento das radículas da planta na direção da água e dos nutrientes ou os processos de hidratação que integram os tecidos vivos nos demonstram que o mais familiar dos materiais, a água, é também o mais misterioso. O mais banal é também o mais precioso. E é precisamente por a água manifestar a sua forma exclusivamente nos efeitos e nas reações que produz a tudo aquilo que com ela interage, que ela se torna uma potência de percepção tão vasta e tão fértil. O paradoxo socrático “Só sei que nada sei” pode ser aplicado à nossa relação com a água, pois no que a ela diz respeito, podemos dizer que quanto mais a conhecemos, mais vasta ela se torna. Para a percepção científica, como para a artística.

A água era, afinal, o contentor.

**Philip Cabau**

## Nascente

Nos episódios da natureza a água surge associada à catástrofe, à ideia de ciclo, ao gelo, à gota, ao lençol, à erosão, à memória, à precipitação, aos oceanos, à sede, à transparência, ao vapor e às variações.

Concomitantemente na nossa imagética a água também aparece associada às imagens da água domesticada, como o banho, a bebida, a barragem, o aqueduto, a fonte e o poço, a irrigação, o lazer, os canais, o lago, a cascata, o termalismo e o tratamento, sem esquecer a poluição e até a doença. A propósito desta última, não podemos ignorar a afirmação de Louis Pasteur “bebemos 90% das nossas doenças”.

Hoje podemos dizer que a água é aquilo que fazemos dela. Cai assim por terra a ideia de que os riachos, ribeiros, rios, sistema circulatório da terra que se ligam aos oceanos, regenerariam sempre a poluição que lá depositássemos. Hoje, é uma evidência a acidificação dos oceanos, a crescente proporção de microplásticos ou a mudança das correntes com a conseqüente concentração excessiva de energia nos oceanos, que estão a mudar o nosso clima. Não podemos ignorar que estas são conseqüências diretas da nossa ação tangível e conceptual sobre o mundo.

75% do cérebro é constituído por água, os ossos têm 22% e surpreendentemente no nosso sangue a água é o seu constituinte mais importante, 95%. Somos criados no meio da água, isto é, no meio do líquido amniótico é nele que se exercitam os primeiros movimentos que nos fazem desenvolver os músculos, estimular o nosso sistema digestivo, circulatório, pulmonar, imunitário e não só.

Por aqui se depreende a importância crescente da água, quer do ponto de vista científico e tecnológico, quer também do ponto de vista ético, político e estético. A presente exposição pretende ser um ensaio sobre as possibilidades processuais do desenho e do vídeo no entendimento sensível e intelectual do elemento água, entendimento que cremos ser uma das pontas de ligação com as restantes áreas do saber.

Desde tenra infância a água está presente na nossa forma de imaginar, todos nós nos lembramos de passar horas a brincar num ribeiro, na praia ou num simples recipiente com água em casa. Pensar por imagens a partir da água foi o que fez Gaston Bachelard no seu livro intitulado “A Água e os Sonhos” datado de 1942.